

Introdução

O duplo preconceito em mulheres negras é uma realidade no Brasil (Silva, 2003). Devido a questões históricas, ser mulher e negra pode constituir-se como fator de risco para que uma pessoa seja alvo de avaliações negativas. A articulação entre esses dois tipos de preconceito fica evidente quando se constata que as mulheres negras são a fatia da população com menores níveis de escolaridade e renda familiar, por exemplo (Olinto & Olinto, 2000). Contudo, apesar de essa associação ser reconhecida pela população adulta, talvez não seja possível dizer o mesmo de crianças. A partir de que idade as avaliações sobre gênero e cor da pele se tornam associadas, gerando, assim, um duplo preconceito em relação a mulheres negras? Conhecer o momento em que essa associação ocorre é importante, visto que pode orientar políticas educativas que visem a amenizar esse problema social.

Objetivo

O objetivo deste estudo é investigar o racismo associado ao sexismo em crianças. A hipótese é de que a intersecção desses dois preconceitos ocorra desde os primeiros anos da escolarização.

Método

O instrumento utilizado foi uma medida explícita de preconceito. Foram apresentados 15 retratos frontais de crianças (meninos e meninas) brancas, pardas e pretas. Para cada retrato, os participantes responderam à pergunta "O quanto você gosta da criança da foto?". A resposta foi dada por meio de uma escala de sete pontos que variava de -3 a +3 (ver Figura 1).

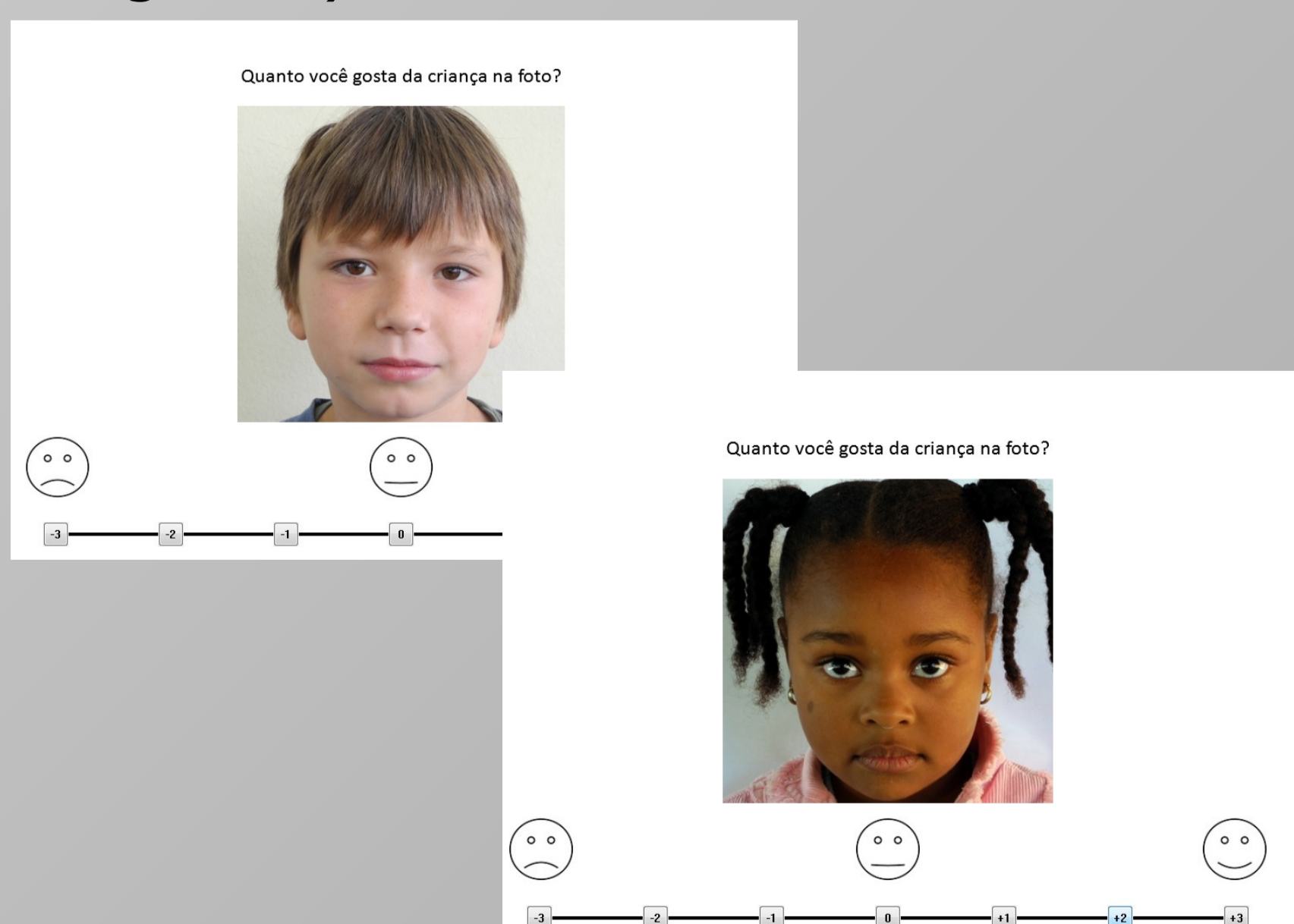


Figura 1. Dois exemplos da tarefa utilizada.

Foram coletados dados de 262 crianças (134 meninas e 128 meninos) brancas, pardas e pretas. A idade das crianças variou de 6 a 14 anos, sendo a mediana 8 anos.

Resultados

Os dados foram submetidos a uma ANOVA de medidas repetidas. Foi encontrado um efeito do sexo da imagem avaliada, $F(1,255) = 10,73, p < 0,01$. As fotos de meninas ($M = 0,93, DP = 1,10$) foram melhor avaliadas do que as fotos de meninos ($M = 0,76, DP = 1,13$), $t(261) = 2,26, p < 0,05$. Também foi encontrado um efeito da cor da pele das imagens avaliadas, $F(2,510) = 58,99, p < 0,001$. As fotos de crianças brancas ($M = 1,33, DP = 1,11$) receberam avaliações mais positivas se comparadas tanto com as fotos de crianças pardas ($M = 0,72, DP = 1,08$), $t(261) = 8,92, p < 0,001$, quanto com as de crianças pretas ($M = 0,47, DP = 1,29$), $t(261) = 10,49, p < 0,001$. Os resultados evidenciaram ausência de interação entre o sexo e a cor da pele das imagens avaliadas, $F(2,510) = 2,59, p = 0,08$.

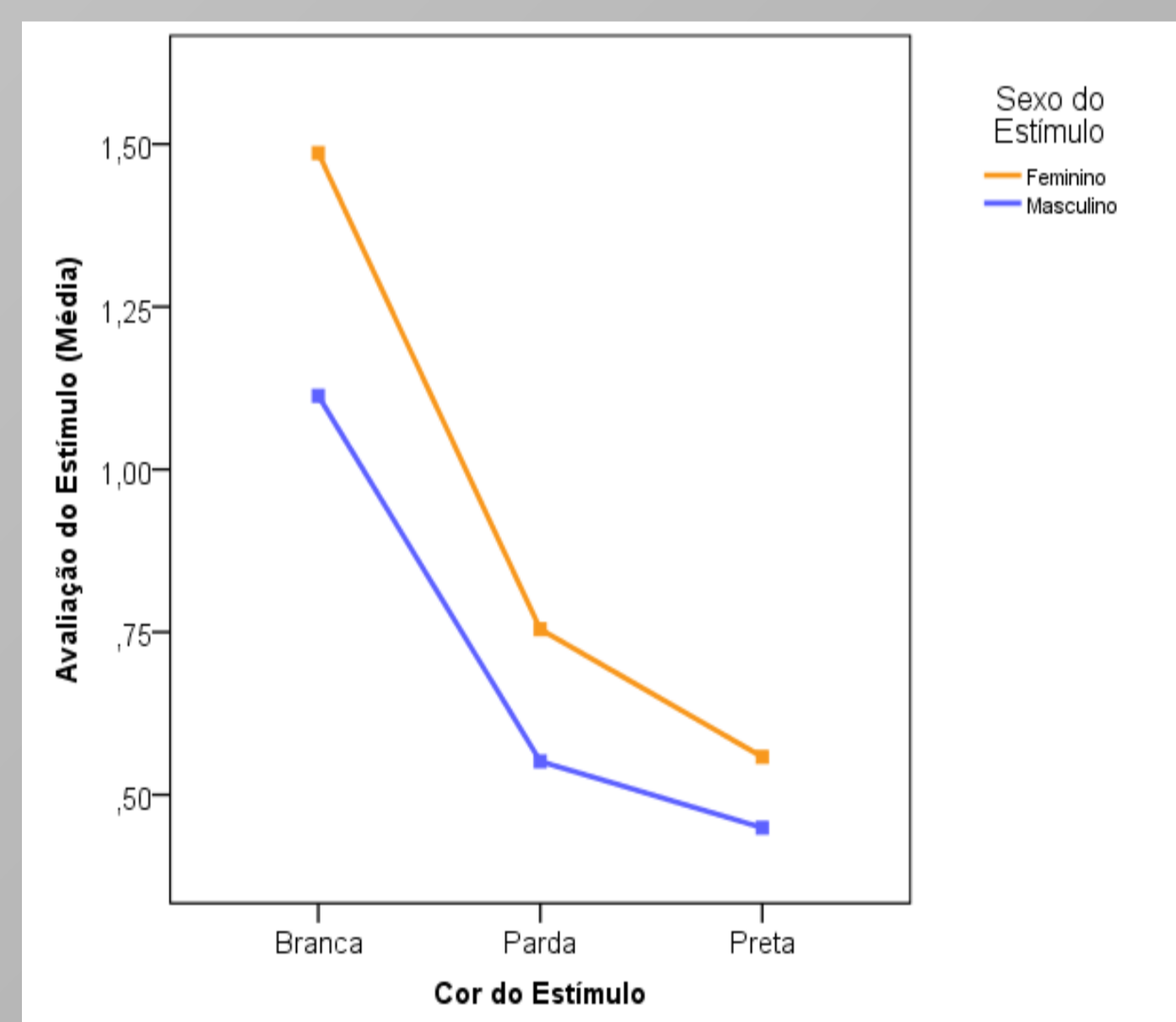


Figura 2. Média da avaliação de meninos e meninas brancas, pardas e pretas.

Discussão

Os resultados indicam uma avaliação mais negativa de meninos em relação a meninas e de crianças pretas e pardas em relação a crianças brancas. A intersecção do racismo com o sexismo não pôde ser percebida, contrariando a hipótese do estudo. É possível que a articulação entre racismo e sexismo surja apenas mais tarde no desenvolvimento. Além disto, a medida utilizada pode ter avaliado atitudes horizontais (uma vez que as fotos apresentadas foram de crianças) e não as atitudes em relação a mulheres negras. Contudo, salienta-se o fato de o racismo ter emergido mesmo em uma tarefa explícita simples como a aplicada neste estudo, o que indica a importância da realização de pesquisas sobre esse tema com crianças.